

A PERSONAGEM LOU COMO TRANSGRESSORA DAS NORMAS SOCIAIS IMPOSTAS À MULHER NO SÉCULO XIX EM *HUMANA, DEMASIADO, HUMANA*

Fabiana dos Santos Sousa^(*)

DOI 10.14393/CEF-v29n2-2016-8

Resumo

O artigo apresenta um estudo da obra *Humana, demasiado, humana*, de Luzilá Gonçalves Ferreira, com ênfase na análise das personagens femininas, em especial, Lou Salomé. Busca-se compreender como essas mulheres transgrediram os padrões da sociedade do século XIX, época em que as mulheres estavam excluídas do poder político e educacional pura e simplesmente.

Palavras-chave: Mulheres. Transgressora. Lou Andreas Salomé. Luzilá Gonçalves Ferreira.

THE CHARACTER OF LOU AS A TRANSGRESSOR OF SOCIAL STANDARDS IMPOSED ON WOMEN IN THE 19TH CENTURY IN *HUMAN, TOO, HUMAN*

Abstract

The article presents a study of *Human, too, human*, by Luzilá Gonçalves Ferreira, emphasizing an analysis of female characters, particularly Lou Salome. We seek to understand how these women transgress the standards of the nineteenth century society, when women used to be excluded from political power and educational pure and simply.

Keywords: Women. Transgressive. Lou Andreas Salomé. Luzilá Gonçalves Ferreira.

“Diante do ato matrimonial não há amizade por um ser só, há amor ou antipatia.”

Lou Andreas Salomé

^(*)Graduação em Letras Português e Francês (UFPI). Especialização em LIBRAS (UFPI). Especialização em Letras: Português e Literatura (FIJ). Mestrado em Letras – Literatura (UESPI). Professora de Francês, Português e Ciências Humanas da DeVry Facid Brasil. Coordenadora de TCC do curso Letras Português (EaD) da UFPI. Compõe o Núcleo de Pesquisas Roda Griô da UFPI. E-mail: jaimelavie30@outlook.com.
Texto recebido em: 30/06/2016. Texto aprovado em: 20/07/2016.

Em *Humana, demasiado, humana*, de Luzilá Gonçalves Ferreira¹, é relatada a história da vida de Lou Andreas Salomé², escritora e psicanalista russa. A obra se constrói, do início ao fim, por cartas escritas pelos personagens relatando um ao outro suas experiências de vida nos séculos XIX e XX em várias cidades da Europa, dentre elas São Petersburgo, Taltenburgo, Roma, Rossento, Bayreuth, Bâle, Naumburgo e Paris.

Para Lou Salomé viver é fundamental. Vigorosa figura feminina que significou vida no sentido mais apaixonante do termo, o de usufruir com vontade e ardor a existência. A obra apresenta ainda intelectuais conhecidos como os filósofos Paul Rée³ e Friedrich Nietzsche⁴, o poeta Rainer Maria-Rilke⁵ e o psicanalista Sigmund Freud⁶, homens a quem Lou encantou e

¹ Luzilá Gonçalves Ferreira, Pernambucana de Garanhuns, desde os seis anos de idade, reside no Recife. Doutora em Estudos Literários pela Universidade de Paris VII, Professora no Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco e pesquisadora, foi presidente do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Assina a coluna "Letras às terças", no Diário de Pernambuco. Publicou mais de 30 livros, entre contos, romances, ensaios, biografias. Em 2000, lançou um ensaio - *Humana, Demasiado Humana* - sobre a psicanalista Lou Andréas - Salomé, Na área do Jornalismo publicou Um Discurso Possível, ensaio sobre a Imprensa Feminina em Pernambuco, 1991-1997, apresentando as mulheres pernambucanas que atuaram como jornalistas, no século XIX. Na poesia feminina, escreveu Em Busca de Thargelia, antologia em 2 volumes publicada em 1996. É detentora de vários prêmios. Seus romances: Muito Além do Corpo, A Garça Mal Ferida e Os Rios Turvos, receberam respectivamente os Prêmios Cidade do Recife, O Nestlé e o Prêmio de Biografia da Academia Brasileira de Letras.

² Lou Andreas-Salomé, nasceu São Petersburgo, 12 de fevereiro de 1861 e morreu em Gotinga, 5 de fevereiro de 1937) foi uma intelectual alemã, nascida na Rússia. Lou Andreas-Salomé foi uma bela mulher que escandalizou a sociedade e quebrou regras morais. Teve vários amantes. Conheceu Sigmund Freud, Friedrich Nietzsche, Rainer Maria Rilke, Paul Rée, entre outros grandes homens. Mulher sensível, tinha mito de sedutora. A produção literária de Lou esteve sempre muito ligada aos seus envolvimento amorosos e da relação com Rainer Maria Rilke, aos 36 anos, resultaram obras fundamentais da escritora como "A humanidade da mulher" e "Reflexões sobre o problema do amor".

³ Paul Ludwig Carl Heinrich Rée (Bartelshagen, 21 de Novembro de 1849 — Celerina/Schlarigna, Suíça, 28 de Outubro de 1901) foi um autor e filósofo alemão, amigo de Friedrich Nietzsche durante um determinado período. Teve um caso com Lou Salomé, que se tornou um triângulo amoroso juntamente com Friedrich Nietzsche.

⁴ Friedrich Nietzsche nasceu em 1844 na Alemanha numa cidade conhecida por Röcken. A sua família era luterana e o seu destino era ser pastor como seu pai. Nietzsche perde a fé durante a adolescência, em seus estudos na universidade de Leipzig, a sua vocação filosófica cresce. Foi um aluno brilhante, e aos 25 anos é nomeado professor de Filologia na universidade de Basileia. Em 1879 seu estado de saúde obriga-o a deixar de ser professor. Sua voz ficou inaudível. Começou uma vida errante em busca de um clima favorável tanto para sua saúde como para seu pensamento (Veneza, Gênova, Turim, Nice, Sils-Maria...). Autor de grandes obras como Assim Falou Zaratustra e Humano, demasiado, humano. Nietzsche escreve num ritmo crescente. Em 3 de Janeiro de 1889 com uma "crise de loucura" que, durou até à sua morte, coloca-o sob a tutela da sua mãe e sua irmã. Após a sua morte sua irmã falseou seus escritos para apoiar uma causa anti-semita. Falácia, tendo em vista a repulsa de Nietzsche ao anti-semitismo em seus escritos. O sucesso de Nietzsche, entretanto, sobreveio quando um professor dinamarquês leu a sua obra Assim Falou Zaratustra e, por conseguinte, tratou de difundí-la, em 1888. Muitos estudiosos da época tentaram localizar os momentos que Nietzsche escrevia sob crises nervosas ou sob efeito de drogas (Nietzsche estudou biologia e tentava descobrir sua própria maneira de minimizar os efeitos da sua doença).

⁵Rainer Maria Rilke, por vezes também Rainer Maria von Rilke (Praga, 4 de dezembro de 1875 — Valmont, Suíça, 29 de dezembro de 1926) foi um poeta alemão do século XX. Escreveu também poemas em francês. Rilke fez seus estudos nas universidades de Praga, Munique e Berlim. Em 1894 fez sua primeira publicação, uma coleção de versos de amor, intitulados Vida e canções (Leben und Lieder). Não exerceu nenhuma profissão, tendo vivido, sempre, à custa de amigas nobres.

⁶Sigmund Schlomo Freud (Příbor, 6 de maio de 1856 — Londres, 23 de setembro de 1939), mais conhecido como Sigmund Freud, formou-se em medicina e especializou-se em Neurologia, tendo logo a seguir criado a

foi por eles encantada, embora a raros tenha se entregado de fato. Para essa pensadora, nascida em uma abastada família russa como Ljolia von Salomé, na São Petersburgo de 1861, amor era sinônimo de libertação.

Humana, demasiado, humana revela a história de uma mulher que sempre viveu à frente de seu tempo. Que foi ousada ao ponto de propor a dois homens (Rée e Nietzsche), logo no início da sólida amizade, que vivessem juntos sob o mesmo teto, denominando-os de "Santíssima Trindade".

A obra narra, sobretudo, a história de uma mulher que se casou com um homem 15 anos mais velho, Carl Andreas, seu companheiro por mais de quarenta anos, provavelmente porque ele aceitara não cobrar seus "direitos de marido" e que sempre fechou os olhos aos numerosos admiradores que Lou foi colecionando pelo caminho.

É a história dessa mulher que conquistou corações e mentes com sua beleza avassaladora e seu intelecto sempre disposto a dialogar, em pé de igualdade, com qualquer homem de seu tempo, que a pesquisadora e professora pernambucana Luzilá Gonçalves Ferreira apresenta ao leitor em *Humana, demasiado, humana*, título que remete, apropriadamente, a uma obra fundamental de Nietzsche.

A presença do discurso memorialístico através do gênero textual epistolar no romance “*Humana, demasiado, humana*”:

Na obra é notável a forte presença de cartas que estruturam o romance do início ao fim. Os personagens usavam este gênero epistolar para se comunicar quando longe um do outro, como por exemplo quando Lou escreve uma longa carta a Rilke no dia 26 de fevereiro, dias antes de suas núpcias, que começa por uma profunda frase:

Último apelo [...] a lembrança que nos é certamente ainda cara a nós dois daquele dia de Waltersausen, em que vim a ti como uma mãe, me impõe uma última obrigação [...] Se te aventuras livre no desconhecido só serás responsável por ti mesma. (FERREIRA, 2000, p. 170).

Como podemos observar na citação acima, o gênero epistolar predomina na narrativa, gênero textual escrito em forma de carta e desempenham um papel no surgimento de gêneros distintos por expressar opiniões, manifestos e discussões para além de questões ou interesses meramente pessoais ou utilitários, sem, porém, deixar o estilo formal, que combina amores

Psicanálise. Freud nasceu numa família judaica, em Freiberg in Mähren, na época pertencente ao Império Austríaco; atualmente a localidade é denominada Příbor, na República Tcheca.

objetivos e apelos subjetivos com o debate de cenas abrangentes e abstratos. Segundo Bazerman:

A carta, com sua comunicação direta entre dois indivíduos dentro de uma relação específica em circunstâncias específicas, parece ser um meio flexível no qual muitas das funções, relações e práticas institucionais podem se desenvolver - tornando novos usos socialmente inteligíveis, enquanto permite que a forma de comunicação caminhe em novas direções. (BAZERMAN, 2009, p. 83).

As personagens de *Humana, demasiado, humana*, através de cartas, comunicavam-se para expressar seus sentimentos de saudade, amor, amizade, pois “na história das práticas comunicativas mediadas pela escrita, a carta foi um dos primeiros gêneros textuais que viabilizou a construção de relações interativas a distância” (SILVA, 2002). Este gênero textual permite, até mesmo, a expressão do íntimo e pessoal. Para Bazerman:

As cartas evoluíram para incluir expressões de preocupação pessoal e, posteriormente, mensagens particulares. A manutenção e ampliação dos laços sociais modificaram as relações estabelecidas através das cartas para além do formal e oficial, em direção ao pessoal. (BAZERMAN, 2009, p. 87)

O discurso memorialístico faz-se presente na obra na medida em que a memória é utilizada para a escrita das cartas, ela é elemento fundamental no processo de transcrição das lembranças. E falando de memória não podemos deixar de citar Le Goff, para quem:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 2003, p.419).

Para Le Goff (2003), transcrever uma linguagem falada em escrita é, de fato, uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para se interpor quer nos outros, quer nas bibliotecas. Isso significa que, antes de ser falada ou escrita, existe certa linguagem de armazenamento de informações na nossa memória.

A forte presença do discurso memorialístico em *Humana, demasiado, humana* faz com que suas personagens ocupem o máximo da sua memória para relatar, de forma detalhada, os acontecimentos de suas vidas a quem os interessava. Vejamos no exemplo:

Amigo sempre fiel e atento, Réé não deixa de escrever igualmente a Franziska Nietzsche, a mãe do filósofo, dando-lhe notícias do filho, tranquilizando-a, detalhando o modo como emprega as horas do dia durante as férias, os passeios que faz, o ritmo dos estudos. À Elizabeth Nietzsche, a irmã, faz igualmente um pequeno relatório sobre a estada deles em Sorrento [...]. Fornece a Elizabeth o horário detalhado das atividades do dia: às sete horas Nietzsche bebe um copo de leite, [...]. Depois do chá ele passa algum tempo ditando coisas, depois passeia até a hora do almoço, quando come uma alimentação sempre simples e substancial, [...]. Depois do almoço uma sesta geral e em seguida, um passeio em grupo. (FERREIRA, 2000, p. 49).

Observa-se na citação quão detalhista foi Rée ao escrever uma carta à família de Nietzsche informando seu cotidiano, tranquilizando-a quanto ao seu estado de saúde. A carta permite essa liberdade na escrita, essa informalidade na informação e, ao mesmo tempo, observa-se quão essencial foi a memória para escrever todas essas informações, ou seja, para a existência desse gênero textual.

Considerando a escrita feminina e a memória, (BRANCO, 1991) diz que uma razão para o fato de a mulher se dedicar com regularidade ao gênero memorialístico é que ela opta por escrita autobiográfica, visto que ao longo de sua vida, confinada no lar, descobriu nesse tipo de escrita, a via ideal para exprimir seus sentimentos. A autora afirma ainda que:

[...] A mulher tenha preferido escrever memórias não tanto porque as memórias lhe convenham pelo que elas têm a dizer, mas sobretudo pelo modo como elas dizem o que têm a dizer.[...]a escrita da memória (e também a escrita feminina) consiste numa modalidade discursiva um pouco mais complexa do que se costuma considerar tradicionalmente. Não exatamente marcada por um retorno ao passado, por uma fidelidade ao vivido, mas, quem sabe, guiada por um desejo de futuro. (BRANCO, 1991, p. 30-33)

A escrita da memória de inúmeras mulheres teve como um dos importantes veículos de manifestação dos seus sentimentos, a carta. A escolha deste difusor pode ser explicada pela liberdade que ela dá ao escritor de escrever de maneira mais “íntima”, deixando aflorar suas emoções.

A escrita feminina sob a dominação da escrita oficial (masculina):

A obra apresenta mulheres escritoras que, dominadas pelo patriarcalismo, são impedidas de assinarem seus próprios nomes em seus escritos, assinalando-os sob pseudônimos masculinos. Até mesmo Lou, uma mulher que contrapõe os padrões sociais da época, viu-se obrigada a publicar seus trabalhos utilizando-se de nomes masculinos, “[...] É nessa época que começa seu sucesso como escritora, com o livro *Uma luta por Deus*, que publica sob o pseudônimo de Henri Lou” (FERREIRA, 2000, p. 138), ficando clara a dominação patriarcal no século XIX. Sobre a opressão da escrita feminina Zolin diz:

Como consequência dessa primeira onda do feminismo, muitas mulheres tornaram-se escritoras, profissão, até então, eminentemente masculina: mesmo que para isso tenham tido que se valer de pseudônimos masculinos para escapar às prováveis retaliações a seus romances, motivadas por esse “detalhe” referente à autoria”. (ZOLIN, 2005, p. 185).

A sociedade fecha as portas para a mulher negando o seu acesso a tudo e reservando para ela o mundo privado, que se resume ao universo doméstico, já para o homem, ela abre a

esfera pública. Por exemplo, o meio acadêmico era destinado ao sexo masculino. E tudo isso era seguido à risca, na visão de Nazilda Moreira:

Um discurso social que separa os espaços – o masculino e o feminino – e faz a divisão dos sexos no trabalho e na educação. Aos homens a sociedade reservava o espaço público e tudo aquilo era e é dessa esfera; conseqüentemente, à mulher tudo o que concernia e concerne ao doméstico, a casa, o lar. O ideal acadêmico destinava-se aos meninos, enquanto as prendas domésticas cabiam às meninas. (MOREIRA, 2003, p.30 apud BARROS, 2012, p. 200).

A dominação masculina foi, e, mesmo que de forma menos intensa continua sendo, determinante sobre a vida das mulheres. A mulher tem sido ocultada pelo homem, restando-lhe apenas a posição de outro, e o homem sempre dono do poder. De acordo com Bourdieu:

A posição de um determinado agente no espaço social pode assim ser definida pela posição que ele ocupa nos diferentes campos, quer dizer, na distribuição dos poderes que actuam em cada um deles seja, sobretudo, o capital económico, o capital cultural e o capital social e também capital simbólico[...]. (BOURDIEU, 2009, p. 134).

Considerando o que diz Bourdieu na citação acima sobre a posição de uma pessoa depender dos diferentes capitais que ela dispõe, a mulher está em total desvantagem em relação ao homem, pois ela não dispõe de nenhum desses capitais, assim sendo, jamais terá o poder de publicar ou de expor seu ponto de vista, a sua visão do conhecimento perante a sociedade. Ainda segundo Bourdieu (idem), “O mundo social pode ser dito e construído de diferentes modos: ele pode ser praticamente percebido, dito, construído, segundo diferentes princípios de visão”, e é de interesse do homem fazer prevalecer seu ponto de vista, dizer e construir o mundo à sua maneira para assim dominá-lo sem a interferência feminina.

Em *A Dominação Masculina* (2007), Bourdieu diz que a força da ordem se evidencia no fato de que ela dispensa justificção; a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la.

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo da vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos. (BOURDIEU, 2007, p.18).

Ou seja, a própria organização social foi criada de forma a reafirmar a autoridade do sexo masculino sobre o feminino, sem que este possa, se quer, questionar o porquê da sua marginalização frente à sociedade, uma vez que em todos os setores de atividades trabalhistas, ela se encontra em desvantagens.

A Crítica Feminista: A personagem feminina como transgressora

Considerando a crítica Feminista e subvertendo essa ordem social tratada acima por Bourdieu, Luzilá apresenta personagens femininas que criticam, do início ao fim, a posição de inferioridade da mulher daquela época, como por exemplo:

Malwida von Meysenbug [...] rejeitará as prerrogativas de nobre e decidira que sua vida se consagraria a “ajudar a emancipar a mulher dos limites que a sociedade lhe impôs”. [...] Exilada, dera aulas para sobreviver e por onde passava escrevia artigos inflamados e pronunciava conferências. Em 1850 rompera o noivado e entrara para a Universidade Feminina de Hamburgo. Era mulher revolucionária. (FERREIRA, 2000. p.38-39).

Malwida⁸ “a grande dama do feminismo [...]” (FERREIRA, 2000, p. 41), é outra personagem apresentada por Luzilá. Feminista declarada que abdica do casamento - sonho de toda mulher de sua época - para dedicar-se ao conhecimento e, como professora, transmiti-lo às demais mulheres visando esclarecê-las das limitações injustas que a sociedade machista impôs-lhes.

Como protagonista a autora apresenta Lou Salomé, uma mulher que transgride a posição de dominada e passa à dominadora, “[..] Ela coleciona homens como outros colecionam obras de artes”. (FERREIRA, 2000, p.11). Era o que muitos diziam dela, pelo fato de viver intensos amores, e ao mesmo tempo, coisa que, nem nos dias atuais, é aceito por parte de uma mulher.

Na sociedade do século XIX, e ainda hoje, a mulher -- sujeito representante cultural do gênero feminino, segundo Butler (2003) -- deve manter uma relação com apenas um homem - - sujeito representante cultural do gênero masculino, de acordo com Butler (2003) -- caso contrário, terá que conviver com o mal julgamento do corpo social por mal comportamento, enquanto este, comportando-se dessa forma, é considerado um bonvivent, um ganhão, estereótipos positivos delegados aos sujeitos “culturalmente designados” como homem. Mas, Lou se posiciona de maneira diferente às mulheres casadas de sua época, não é submissa ao marido, pelo contrário, impôs-lhe condições para aceitar casar com ele:

[...] Entra em cena Carl Andreas, com quem Lou se casará. [...] onde as condições de noivado são estabelecidas: as relações entre Réé e Lou não mudariam [...] Carl Andreas tinha aceitado a presença de Réé na vida da noiva, como aceitaria mais tarde a presença de todos os homens que a ela se apegaram. [...] (FERREIRA, 2000, p.143).

A posição de “dominante” da personagem Lou sobre os homens pode ser explicada por Perrot (1988) quando ela afirma que as mulheres têm o poder na medida em que:

Reinam no imaginário dos homens, preenchem suas noites e ocupam seus sonhos. “Somos mais do que a sua metade; somos a vida que vocês passam para seu sono; [...]” “Elas são o poder que se ocultam por detrás do trono [...]”. “[...]as mulheres puxam os fiozinhos dos bastidores, enquanto os pobres homens, como marionetes, mexem-se na cena pública.” (PERROT, 1988, P 167168).

Ainda segundo Perrot, a pesquisa feminista contribuiu para essa reavaliação do poder das mulheres. Em sua vontade de superar o discurso miserabilista da opressão, de subverter o ponto de vista da dominação, ela procurou mostrar a presença, a ação das mulheres, a plenitude dos seus papéis, e mesmo a coerência de sua “cultura” e a existência dos seus poderes. E Luzilá, sendo uma feminista, apresenta personagens também femininas dotadas de “poder”, ou seja, mulheres munidas da sabedoria, da força de vontade e coragem de enfrentar uma sociedade totalmente patriarcal, em busca de direitos iguais. Lou Andreas Salomé é uma mulher que apresenta características da ideologia da crítica feminista no que diz respeito ao feminismo radical, como constatamos no enunciado de Zolin:

Tal tendência do feminismo atribui à causa da opressão feminina à ausência de igualdade de direitos entre os sexos; em vista disso, defende uma sociedade em que os homens e mulheres tenham oportunidades iguais garantidas pela legislação. (ZOLIN, 2005, p. 189).

A relação de Lou e Andreas contradiz com o comportamento social da época, já que não se deixou dominar pelo marido nem se deteve somente ao espaço destinado às mulheres de sua época que, segundo Nye (1995, p.23), “[...] é no lar, onde ela é subordinada ao melhor julgamento do homem [...]”, e faz jus ao que ela diz: “As mulheres deveriam ter todos os direitos que os homens têm” (NYE, 1995, p.23). Opressão de subverter o ponto de vista da dominação, ela procurou mostrar a presença, a ação das mulheres, a plenitude dos seus papéis, e mesmo a coerência de sua “cultura” e a existência dos seus poderes.

Casamento: ascensão da mulher no século XIX

Embora Luzilá tenha apresentado mulheres que transgrediram aos costumes e padrões de sua época, ainda assim, elas tiveram que ater-se à sua posição de dominadas e seguir as normas sociais que lhe eram impostas, como por exemplo, quando Lou, para alcançar o prestígio e reconhecimento como intelectual, precisou de um homem ao seu lado, ou seja, de um casamento, só assim adquiriria dignidade e respeito.

Casa-se, então, com Carl Andreas, um homem a quem nunca amou, “[...] casamento com Andreas, movida por um sentimento que ela própria não entendeu [...]”. (FERREIRA, 2000, p.35), pois em momento algum, a obra fala de amor entre Lou e seu marido, era uma relação estranha como podemos observar na citação:

[...] Andreas conseguiu o que nenhum antes dele obtivera o sim de Lou. [...] foi um casamento estranho: nunca a esposa aceitou ter relações físicas com o marido, nem nunca deixou de vista e de viajar ao lado de homens que a cortejavam. Ao que sabemos, a condição para o sim foi que ele nunca tentasse fazer valer seus “direitos” de marido – coisa que ele parece ter tentado algumas vezes, com o uso da força mas foi repellido [...]. (FERREIRA, 2000, p. 146).

Observando a citação pode-se afirmar que o casamento para Lou não passou de um contrato ao qual ela teve que assinar para adquirir respeito e prestígio perante a sociedade e, conseqüentemente, na sua carreira como escritora, pois uma mulher não se recusaria a ter relações com o marido se o amasse. Lou teve que se submeter a esta condição, já que o casamento era, no século XIX, um meio de ascensão social para a mulher, pois segundo Perrot (1988):

[...] a dona-de-casa é, na cidade do século XIX, uma mulher importante e relativamente nova. Sua relevância está ligada à família. [...] Na sociedade dita tradicional, a família é uma empresa e todos os seus membros concorrem juntos, à medida de cada um, para sua prosperidade. (PERROT, 1988, p. 189)

Para Pereira (2008, p.2), “[...] a elevação do *status* social [dava-se] por meio de um dos únicos procedimentos possíveis à mulher no século XIX, o casamento”. A mulher do século XIX acaba por ver no casamento a “grande chance” de sua vida: de ascender na esfera social e, enfim, sair do espaço limitado em que é confinada, o lar, para a esfera pública e garantir seu *status* social, mesmo que não seja na mesma condição do homem. E isso só é possível a partir de um contrato social, o matrimônio.

A personagem Malwida, mesmo sendo uma representante do movimento feminista, também teve seus momentos de recuo, no que se refere a não-obediência às normas sociais impostas à mulher, ela era contra os passeios noturnos que Lou e Rée faziam temendo sua difamação:

Malwida explica em seguida as razões que a levaram a se incomodar com o fato de que Rée acompanhava Lou na volta à pensão: queria preservar a senhora von Salomé [...]. Quando Rée lhe falara de como se prolongavam os passeios noturnos, fato que até então haviam escondido, ela se inquietara: acontecimentos semelhantes haviam dado lugar a comentários e atingido a reputação de jovens que Malwida ajudava. (FERREIRA, 2000, p. 46).

Era um escândalo uma mulher deixar-se acompanhar por um homem que não fosse seu pai ou seu marido, principalmente à noite. Isso poderia trazer-lhe consequências desastrosas para o resto de sua vida. Uma vez que uma mulher que assim se comportava, era uma desfrutável e, homem nenhum, queria tomar-lhe como esposa, o que seria sua maior desgraça.

Segundo Muraro (1975), a mulher, durante sua vida, está submetida à autoridade do sujeito homem, seja pelo seu pai, enquanto criança e adolescente, seja pelo marido, enquanto esposa:

A história da mulher possui vértices de dominação e submissão pelo homem. Nos primeiros anos de sua vida, a mulher era dominada pelo pai e depois pelo marido. O homem sempre foi tido como ser superior e cabia a ele, portanto, exercer a autoridade; assim, o fundamento escolhido para justificar a repressão da mulher era a superioridade masculina. (apud BORIN, 2007, p.29).

Ao homem foi delegado, pela sociedade patriarcal e machista, o “título” de “ser superior” em relação à mulher, restando a este a condição de subordinado e o dever de obediência àquele.

Considerações Finais

A obra *Humana, demasiado, humana*, apresenta mulheres que oscilam em sua posição social. Em se tratando de Lou, observa-se que ora ela era dominadora, quando rompeu as normas sociais impostas à mulher do século XIX, não se submetendo ao homem e nem deixando de viver grandes amores, mesmo depois de casada, e ora ela era dominada, quando se submeteu ao casamento, mesmo sem amor, para obter o título de “senhora”, o que lhe daria a ascensão social que precisava para chegar ao seu objetivo, o de ser uma famosa intelectual. Outro fato que reforça sua posição de dominada é quando ela publicava suas obras sob pseudônimos masculinos como já foi mostrado antes.

Assim, *Humana, demasiado, humana* apresenta um cunho de ruptura, em primeiro lugar por tratar-se de uma mulher que escreveu e publicou suas obras num período em que isso não era permitido ao sexo feminino; em segundo por transgredir e escandalizar a sociedade vigente da época, vivendo grandes amores, antes e depois de casada, não se importando com as críticas sociais.

Sua relevância social vem do fato de abordar inúmeras questões que vivemos todos os dias. Pode-se dizer que a personagem Lou representa centenas de mulheres que caminham em busca de sua liberdade intelectual, social, econômica e sexual, ou seja, em busca de uma libertação total do patriarcalismo. Uma mulher que aprendeu estar acima e além das regras

sociais impostas ao ser feminino, venceu preconceitos, lutou por seus direitos e pelas verdades que acreditava, subvertendo uma sociedade machista e hipócrita.

Referências

MOREIRA, Maria C. In: BARROS, Samira Alves de. A representação da mulher Islâmica em Lendo Lolita em Teerã, de Azar Nafisi. In: MENDES, Algemira de Macêdo; ARAÚJO, Jurema da Silva (Org). *Diálogos de gênero e representações literárias*. Teresina: EDUFPI, 2012.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros Textuais, Tipificação e Interação*. 3ª ed. São Paulo, 2009.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (Org.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2. ed. Maringá: Eduem, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BRANCO, Lúcia Castelo. *O que é escrita feminina*. SP: Brasiliense, 1991.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves. *Humana, Demasiada, Humana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

MURARO, R. M. Libertação sexual da mulher. Petrópolis: Vozes, 1975. In: BORIN, Thaisa Belloube. *Violência Doméstica contra a mulher: percepções sobre violência em mulheres agredidas*. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. USP, 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/Asus/Downloads/Thaisa.pdf>.> Acesso em: Dezembro, 2012.

NYE, Andrea. *Teoria feminista e as filosofias do homem*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 1995.

PEREIRA, Cilene Margarete. *Estratégias femininas e casamentos suspeitos: uma leitura de “Ernesto de tal”*, de Machado de Assis. *Revista Eutonomia*, ano I – nº 02. 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/Asus/Downloads/3106-11495-1-PB.pdf>> Acesso em: Abril, 2016.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: Operários, Mulheres, Prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. *Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos*. 2002. 209 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras da UFMG Belo Horizonte, 2002.